Ano XXIV — Lisboa, Outubro de 1968 — N.º 282

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A PROPÓSITO DA REFORMA DO ESCOTISMO INGLÊS

Meus caros Camaradas:

Foi com surpresa minha — a despeito de certo «calo» que de há longos anos me vem imunizando contra tudo o que possa causar surpresa num mundo em convulsão, como aquele em que vivemos — que li, no número de Julho do nosso querido jornal, o artigo de Rui Santos, em que nos são dados os tópicos gerais das reformas que se introduziram, ou vão introduzir, no Escotismo inglês, o que, como é de supor, breve irá influir no Movimento do resto do Mundo.

Parte da minha surpresa não resultou tanto de se terem introduzido alterações no Escotismo, mas de estas se terem processado no Escotismo britânico.

Sabem os meus Camaradas muito bem que se há povo em que as modificações de qualquer ordem se introduzam e efectivem com lentidão, esse é o Povo Inglês, pouco amigo (muitas vezes adversário obstinado) de tudo aquilo que possa constituir inovação.

É certo que muitas e variadas inovações se deram no decurso dos séculos, particularmente desde a revolução de 1688. Mas o curioso é que elas se produziram de forma tal, que aparentemente tudo continuou no mesmo estado. Esse é um dos grandes segredos da alma inglesa e que faz desse povo um povo sui generis, *único e inimitável.*

Eu poderia aqui alargar o campo da exemplificação para fundamentar o meu asserto. Não o faço, porém, já porque isso me desviaria do meu objectivo, com prejuízo dos poucos leitores que porventura me leiam, já porque o meu escopo é simplesmente a reforma do Escotismo.

Não sou, nunca fui e, já agora, espero jamais vir a ser adversário das reformas, das modificações, das alterações do que quer que seja. Imobilismo é o mesmo que petrificação

Continua na pág. 6

O PROFESSOR MARCELO CAETANO FOI NOMEADO PRESIDENTE DO CONSELHO SUBSTITUINDO O PRESIDENTE SALAZAR, AFECTADO POR GRAVE ENFERMIDADE

A grave doença que acometeu o sr. Prof. Oliveira Salazar veio colocar o País num estado de verdadeira expectativa, bastante justificada não só pelo carácter inerente ao próprio acontecimento, como também pelas consequências que da sua evolução poderiam sobrevir para Portugal.

Àqueles que criam que bem depressa o Prof. Salazar retomasse o seu lugar no Governo da Nação — e a princípio tudo fazia crer que assim fosse — o agravamento súbito da enfermidade mostrou quão vãs eram essas esperanças. Estava, assim, terminada uma carreira que influiu profundamente na vida da Nação no histórico período abrangido pelos últimos quarenta anos.

Tornou-se necessário, por conseguinte, encarar o problema da substituição do Chefe do Governo, e foi com decisão que o melindroso problema foi encarado. Surge, assim, ocupando o difícil posto numa hora difícil da nossa História, uma bem conhecida figura da vida pública, o sr. Prof. Marcelo Caetano.

Para além de todas as referências que adornam a estatura moral do novo Presidente do Conselho, para nós, escoteiros, a escolha do Prof. Marcelo Caetano para assumir tão elevadas funções guarda ainda uma particularidade, cujo significado não é demais encarecer: é o facto do ilustre estadista, na juventude, ter militado nas fileiras escotistas, embora, é certo, num breve período.

Continua na pág. 7

O PROFESSOR MARCELO CAETANO E O ESCOTISMO

Cerca de meio século volvido esvaíram-se e esbateram-se factos sem memória gráfica que os haja feito perdurar, ou que, se existente, não se sabe onde possa ser consultada (1). Esta a realidade com que esbarramos para tentar definir aos de agora, sem fantasia nem ridiculez, o escoteiro Marcelo Caetano.

A memória recorda nos começos da década de 20, o jovem estudante — «estudante» na real acepção — inscrito no Grupo do seu Liceu, grupo que no consenso escotista teve acção saliente — de resto natural dado o meio de recrutamento — entre os que proporcionavam ao Escotismo o concurso do sentimento, inteligência e vontade de seus componentes.

Há que incluir entre eles o jovem escoteiro Marcelo Caetano que, com 16 anos, se inscrevia e seguia o 1.º curso da Escola de Chefes, logo se confirmando elemento prometedor, apesar de ser dos mais novos, senão o mais novo.

E se ao jovem que, meses volvidos, no acampamento final na serra da Arrábida, de todos os participantes saudosamente recordado, contraía responsabilidades já não de simples escoteiro mas de chefe,

Continua na pág. 6

A propósito do Jambori no Ar

OS SEGREDOS DAS RADIOCOMUNICAÇÕES

Por L. F. JARRETT, da Repartição Mundial do Escotismo

Significa alguma coisa o indicativo de uma Estação?

Nos primeiros tempos das comunicações por rádio, foi organizada a I Conferência Internacional de Radiocomunicações. Uma das primeiras coisas a fazer foi encontrar maneira de identificar uma estação. Esta Conferência decidiu então arranjar vários prefixos para cada país. A Portugal foram dados os Prefixos **CT** e **CR**. O número que se encontra a seguir ao prefixo é dado em cada país. As duas ou três últimas letras depois do número são dadas pelos Serviços Radieléctricos dos Correios, Telégrafos e Telefones, usualmente numa estrita forma de aplicação. Em casos esporádicos, é possível obter letras especiais, se elas estiverem aprovadas e devidamente autorizadas.

Graças a esta convenção, os escoteiros puderam usar, no ano passado, o indicativo **VE3WSB**, que tem o seguinte significado:

VE — Estação amadora canadiana
3 — Localizada em Ontário
WSB — World Scout Bureau (Repartição Mundial do Escotismo).

Os Escoteiros de Portugal pensam, num futuro próximo, obter autorização para o seu indicativo, podendo, assim, talvez, usar **CT1AEP**, que quer dizer:

CT = Estação amadora portuguesa
1 = Localizada no Continente
AEP = Associação dos Escoteiros de Portugal.

O que significa «CQ»?

As letras **CQ** significam que a estação que as enviou está preparada para falar com qualquer outra que responda ao seu contacto. Por outras palavras, **CQ** significa **Chamada Geral.**

Note-se que esta chamada pode ser limitada por uma certa área ou grupo. Por exemplo: **CQ Europa** ou **CQ Jamboree.**

O que é «DX»?

DX é uma abreviatura para a distância, ainda que algumas vezes a distância não seja muito clara de definir. Contudo, geralmente, quer dizer aos participantes na escuta que a estação que está chamando se encontra a mais de 1 000 milhas — (1 600 kms.).

Por que razão os operadores repetem os indicativos?

Segundo a Lei, todas as estações têm que ser identificadas no início e no fim de cada transmissão ou, se as transmissões tiverem duração superior a 10 minutos, terão de repeti-la de 10 em 10 minutos.

Em Portugal, a identificação será dita em português. No entanto, outras línguas poderão ser utilizadas. Em qualquer dos casos, iremos sempre ouvir o operador usar um dos muitos alfabetos fonéticos como: **VICTOR, ECHO, THREE, WILLIAM, SUGAR, BAKER,** para **VE3WSB.**

O que significam as letras «AM», «CW» e «SSB»?

Estas letras são alguns dos diversos tipos de sinais que o amador usa durante as suas transmissões.

AM quer dizer **Modulação de Amplitude** ou que a voz é transportada por uma onda portadora. As frequências da vaz são sobrepostas numa onda de radiofrequência.

CW quer dizer uma onda de rádiofrequência. **ICW (Interrupted Continous Wafe)** exprime o tipo de uma onda contínua ininterrupta, usada, portanto, quando se transmite utilizando o código morse.

SSB significa **«Single Side Band»** e quer dizer transmitindo numa só banda, e não é mais do que uma modificação de amplitude modulada. Este tipo de emissão só pode ser recebido por receptores devidamente preparados para o efeito.

O que querem dizer as letras «QSL», «QRM», etc?

Estas letras fazem parte do código *«Q» internacional* usado por todos os países. Com este código, podemos comunicar com qualquer outro amador, não interessando a sua nacionalidade.

Eis alguns exemplos do código **«Q»:**

QSL — Confirmarei o meu sinal pelo correio / Confirmará o seu sinal pelo correio;
QRM — Outra estação está interferindo os seus sinais;
QRN — Ruídos estáticos ou eléctricos interferem a sua emissão;
QTH — Qual é a sua posição? / A minha posição é;
QSY — Vou mudar de frequência / Mude a sua frequência.

Qual a razão por que, por vezes, nós podemos ouvir uma estação situada num ponto distante e não ouvimos outra mais próxima?

As comunicações a longa distância são feitas por meio de ondas curtas dirigidas à ionosfera, para depois, por meio delas, serem reflectidas para a Terra. Por isso, esta emissão depende do estado mais ou menos carregado em que se encontra a ionosfera. Para já podemos dizer que este estado é muito variável. Logo, uma onda reflectida pela ionosfera pode atingir de 1 000 a 3 000 milhas, mas, também pode acontecer que postos situados no meio dessas distâncias não a consigam captar. Outra parte do sinal emitido propaga-se paralelamente ao solo, mas geralmente nunca consegue ir mais além do que 20 milhas.

Qual a razão por que, à noite, em certos momentos, é fácil ouvir estações bastante distanciadas?

Como se disse, o estado da ionosfera é muito variável e, principlamente à noite, melhora para a propagação de ondas de rádio.

Porquê o nome «HAM»?

Este nome é uma abreviatura que os ingleses adoptaram da palavra amador».

Quem poderá vir a ser amador?

Qualquer indivíduo com mais de 18 anos de idade.

Quem controla as operações dos amadores?

São os Serviços Radieléctricos dos Correios, Telégrafos e Telefones que, em Portugal, controlam as operações dos amadores.

É necessário saber o código morse para vir a ser radiamador?

Sim. A licença só poderá ser passada com carácter permanente quando o operador souber receber e transmitir à velocidade de 50 letras por minuto.

Que relação existe entre bandas e frequências?

Uma determinada banda, na verdade, não é mais do que um certo número de frequências que fazem parte do espectro da rádio. Podemos ouvir uma determinada banda — nesse caso por exemplo a banda dos 20 metros — na qual seleccionamos os 14 megaciclos. Assim, a primeira parte refere-se ao número de ciclos por segundo.

(Traduzido da revista *«The Scout Leader»*, órgão oficial dos Escoteiros do Canadá e adaptado pela publicação «Como Participar no Jambori no Ar», editada pela AEP).

Filatelia

por MENDES MARQUES

Exposições

O Escotismo também esteve presente em algumas exposições realizadas no nosso país no corrente ano, através de várias colecções.

Pela sua projecção, merecem realce as Porto 68 e a VI Nacional e Lubrapex 68. Na primeira, Fernando Gomes Carrão obteve uma medalha de bronze com uma participação ainda não montada temàticamente, o que, posteriormente, já fez. No Funchal, estiveram presentes 3 colecções, do signatário, de Amândio Rodrigues Cruz (Trofa), e de Rui José Coelho, da Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra, este na divisão Juventude. O primeiro obteve medalha de prata que, diga-se, merece amplamente o escalão superior — vermeile — já atingido na I Lubrapex (Rio de Janeiro 1966) com uma participação inferior; o segundo obteve bronze, e o último foi premiado com medalha de bronze com felicitações do Júri, interessante galardão, tratando-se, para mais e como a própria divisão indica, dum jovem escoteiro estudante de medicina, se não estou em erro.

Não restam dúvidas de que as participações escotistas fazem ampla propaganda do movimento ao mesmo tempo que despertam o interesse pelo coleccionamento do tema.

Novidades

A Indonésia, para comemorar o «Wirakarya» — campo escuta —, pôs em circulação, em 1 de Junho, 3 valores representando diferentes cenas de campo.

Também em Junho, a Argélia emitiu um valor comemorativo do 8.º Jambori árabe que teve lugar naquele país.

Irão — Por ocasião do acampamento das Guias iranianas, foi emitida uma série de 2 valores, de desenho comum, apresentando, ao que parece, a princesa Farah Diba devidamente uniformizada.

Salvador — Para comemorar a VII Conferência Interamericana, que teve lugar de 25 a 29 de Julho de 1968, foram postos em circulação 2 valores de desenho diferente.

Em 21 de Agosto, Israel comemorou, com um selo de 30 a., o 50.º aniversário do escotismo judaico.

Barbados comemorou, em 29 de Agosto, com 3 valores, as Bodas de Ouro do Guidismo nestas ilhas.

Em 21 de Setembro, a república do Yemen do Sul pôs em circulação uma série de 3 valores.

XIV Poemeto Filatélico

(Diante do selo de homenagem a Calouste Gulbenkian)

A energia, a bondade
Duma consciência sã;
Um olhar sereno e recto
E expressão doce e loução;
O testemunho evidente
De uma formação cristã,
No filho dum povo mártir,
Pequena nação irmã;
Eis o retrato do Amigo
Calouste Gulbenkian.

Eduardo Moreira

ÁGUA ESTANCADA

Há na Terra Santa dois lagos alimentados pelo mesmo rio, situados a uns quilómetros de distância um do outro, mas com características assombrosamente distintas.

Um é o lago de Genesaré e o outro é o chamado Mar Morto.

O lago de Genesaré é azul, cheio de vida, cheio de contrastes de calma e tempestade, em suas margens se reflectem delicadamente as flores simples amarelas e vermelhas de suas belíssimas campinas:

O Mar Morto, é isso... morto. Uma lagoa salitrosa e densa, onde não há vida, onde fica estancada a água que vem do Jordão.

Que fará distinguirem-se tanto estes dois lagos nutridos pelo mesmo rio?

É simplesmente isto: o lago de Genesaré transmite generosamente o que recebe. A sua água, uma vez ali chegada, passa imediatamente a remediar a seca dos campos, a saciar a sede dos homens, a satisfazer a ânsia das semeaduras húmidas. É água generosa, altruísta.

A água do Mar Morto estanca-se, adormece preguiçosamente, enche-se de salitre, mata. É água egoísta, inútil, estancada.

Passa-se o mesmo com as pessoas.

A pessoa que vive dando e generosamente dando-se aos demais, vive e faz viver. A pessoa que egoìsticamente recebe e guarda e apanha e não dá... é como uma água estancada que morre e espalha a morte em seu redor.

R. P. Fernando J. García, S. J.
Guatemala

(«Revista Scout de las Américas», Julho de 1968)



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

UNIFORMIDADE

Há uns dias, vi passar a tua Patrulha, mochila ao ombro, a caminho do campo. Quase formáveis um conjunto perfeito e vossos rostos reflectiam saúde e alegria. Porém, para os olhos de um Velho Lobo, faltava-vos alguma coisa... ou, dizendo melhor, sobrava-vos algo. Sobravam-vos coisas raras nos vossos uniformes.

O Uniforme Escotista é algo que nos caracteriza em todo o mundo, algo tão pessoal e tão nosso, que parece que sem vestir as suas prendas nos falta alguma coisa. (...) O nosso uniforme é bonito, airoso e prático. Porém, fixa bem que digo UNIFORME, não uma colecção de peças caprichosas que convertem uma Patrulha num bando de **snobs**.

. . . . . .

Tens, como Guia, que cuidar da uniformidade e do asseio da tua Patrulha. Não precisas, para isso, de passar uma revista sisuda e severa aos teus companheiros formados rìgidamente. Basta se, como julgo, fores um bom observador, que os examines à medida que vão chegando ao ponto de reunião, e os corrijas amigàvelmente dos seus defeitos ou extravagâncias de uniformidade.

. . . . . .

Desde há anos existe a boa tendência no Escotismo Mundial de suprimir as facas de mato e os machados de cinto do uniforme. Alguns países proíbem o seu uso aos menores de certa idade e não permitem trazê-los na cidade. A tendência é para levá-los sempre na mochila, para utilizá-los no campo.

Verdadeiramente um rapaz de 14 anos, com uma grande faca ao cinto, produz uma impressão um tanto ridícula. Irá à caça do leão?

. . . . . .

Por isso, por que não guardais as facas e os machados? Alegrar-me-ia ver-vos no próximo domingo «uniformizados» e «desarmados».

Enrique Genovés

O FILÓSOFO E O TIRANO

No tempo de Dionísio, o *Antigo*, tirano de Siracusa, um homem simples o ofuscava, apenas pelo clarão do seu espírito — o célebre filósofo Arístipo.

Conta Diógenes de Laércio que, tendo Dionísio convidado aquele para um banquete, indicou-lhe o último lugar da lauta e fulgurante mesa. Com um sorriso, que era de superioridade e desdém, o glorioso filósofo teve o singelo mas expressivo e famoso comentário:

— Quiseste, então, reabilitar este lugar?

(Do «*Boletim da Câmara dos Despachantes Oficiais*»)

"A Influência Social do Escotismo"

Um tese apresentada pelo sr. Prof. Marcelo Caetano na I Conferência Nacional de Escotismo

Em 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1925, realizou-se um acontecimento assinalável nos anais do Escotismo em Portugal. Referimo-nos à I Conferência Nacional de Escotismo, em que foram debatidas teses de muito interesse para o estudo e aperfeiçoamento do Escotismo em Portugal.

Um dos trabalhos discutidos nessa assembleia foi apresentado por um jovem escoteiro-chefe que é hoje o Chefe do Governo Português, o Sr. Prof. Dr. Marcelo Alves Caetano.

Aproveitando a oportunidade da sua nomeação para tão alto cargo, transcrevemos as conclusões da aludida tese, para meditação de todos quantos, de qualquer modo, se interessam pelo progresso do nosso movimento, mas, em especial, para ser estudada pelas camadas mais jovens dos nossos grupos de escoteiros, pois muito proveitoso se poderá tornar um exame atento aos princípios nelas consignados.

Conclusões da Tese:

«A INFLUÊNCIA SOCIAL DO ESCOTISMO»

Apresentada pelo Sr. Prof. Dr. Marcelo Alves Caetano, Escoteiro-Chefe.

Considerando que vários aspectos particulares da influência social do Escotismo — *v. g.* o avigoramento da raça, a preparação militar, etc. — são objecto de teses especiais:

Estudamos nesta Tese apenas:

a) o aspecto económico-social;
b) o aspecto internacional;
c) o aspecto da reconstrução nacional.

E concluímos:

Sob o ponto de vista económico-social:

1.ª — Que o Escotismo, incluindo nos seus grupos rapazes de todas as classes sociais, prepara a cooperação das classes na vida económica e cria laços de funda amizade entre os dirigentes e os dirigidos de amanhã.

2.ª — O sistema de patrulhas, destruindo individualismos, criando nos rapazes a noção dum *agregado* cujos interesses são os seus e para cuja prosperidade directamente concorre, realiza a educação solidarista que levará ao sindicalismo integral!

3.ª — As insígnias de capacidade criam no rapaz o gosto pelos trabalhos manuais, despertam nele a vocação pelas profissões industriais; o campo, cria o amor à terra, revela-lhe a Natureza ubérrima, e a paz tranquila que faz o trabalho agrícola; a conquista dos graus pelo seu esforço, a educação dirigida no sentido de *bastar-se a si*, habituam-no a confiar no próprio esforço e a desdenhar do parasitismo burocrático ou do arrivismo comodista.

Sob o ponto de vista internacional:

1.ª — Universalista, porque os seus métodos se dirigem e se aplicam ao *rapaz*, em abstracto o movimento escotista prepara uma solidariedade entre os homens de todos os países que é condição *sine qua non* para o triunfo de uma organização de paz, como a Sociedade das Nações.

Sob o ponto de vista nacional:

1.ª — A política de amanhã deve ter a elevação que só lhe pode emprestar o desejo alevantado de *Servir* a Pátria, de contribuir para o bem comum. Se não há regime que valha sem *homens* — que são as pedras componentes do edifício das instituições — o Escotismo prepara um bom regime porque cria *homens*.

2.ª — Ministrando ao rapaz uma sólida educação moral e o gosto dos prazeres simples, o Escotismo corrige os defeitos de uma educação utilitarista e meramente intelectual, que, desprezando o lado moral, deixa uma geração afundar-se no prazer-gerador da tristeza, do desânimo, da derrota.

3.ª — Porque o Escotismo cria músculos e tempera almas; porque prepara dias melhores para Portugal, possuindo os segredos da sua restauração económica e moral e porque é fonte de virtudes cívicas, escola de acção, criador de uma geração despida de romantismo e forte da realidade, porque — numa palavra — é um movimento de Salvação.

A 1.ª Conferência Nacional de Escotismo aponta aos governantes portugueses a extraordinária influência social do Escotismo, e faz votos por que a protecção oficial permita a larga difusão deste método que o génio de Baden-Powell opôs à crise grave que o mundo atravessa.



Grupo n.º 6 — Olhão

Acampamento na Fuseta

Este grupo realizou, nos dias 21 e 22 de Setembro p. p., na Fuseta, o acampamento de despedida da época de campismo.

A título experimental, o escoteiro-chefe do grupo, sr. João Trigueiros, não interveio, pela primeira vez, na organização da actividade, a fim de o escoteiro-chefe ajudante sr. Carlos Manuel Rocha e os guias de secção Firmino Lemos e Artur Valente poderem demonstrar as suas aptidões para dirigir uma actividade daquela natureza.

A experiência confirmou o que se previa acerca da competência dos elementos que estavam sendo postos à prova, quer do ponto de vista da técnica escotista, quer quanto ao cumprimento da Lei do Escoteiro, que, no Grupo 6 e no Escotismo em geral, são fundamentais para o êxito de qualquer actividade.

No sábado, realizou-se o tradicional fogo do conselho, com a presença de muito público da Fuseta, onde a patrulha «Castor» tem a sua sede. Os espectadores aplaudiram vibrantemente as canções e os números recreativos apresentados.

No domingo, de tarde, realizaram-se provas de sinalização, sobre torres construídas com bambus e fez-se o simulacro da passagem de uma ribeira, para o que se utilizou um cabo vaivém.

Ao fim da tarde, realizou-se a cerimónia do compromisso de honra de mais um escoteiro.

O Grupo n.º 6 atravessa um momento de grande animação, dado o número de jovens entusiastas com que conta, sempre guiados e esclarecidos pela experiência do seu chefe João Trigueiros, tecida por longos anos ao serviço do escotismo. — C.

O XI JAMBORI DO AR

O Sr. L. F. Jarrett, director de Administração da Secretaria Mundial do Escotismo, endereçou ao Secretário-Geral Adjunto da A. E. P., o nosso estimado amigo Sr. Justino Estêvão da Silva, felicitações pela publicação do relatório *«Como Participar no Jambori no Ar»*, organizado por este dedicado dirigente escotista e recentemente editado a propósito desta interessante actividade escotista.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

FALECIMENTOS

Erna Maria Karl

No dia 9 do corrente, faleceu a Senhora D. Erna Maria Karl, mãe do nosso estimado amigo e assinante patrocinador, Sr. Wolfgang Karl, antigo escoteiro do Grupo n.º 16, de Carcavelos.

A família enlutada, e em especial ao nosso prezado amigo Sr. Wolfgang Karl, apresentamos sentidas condolências.



O PARQUE

Dois excelentes melhoramentos se encontram em vias de conclusão no Parque de Escotismo da A. E. P. na Costa da Caparica: um recinto de jogos e a vedação do próprio parque em todo o seu perímetro.

Mais se valoriza, assim, o já apreciado recinto de que os escoteiros dispõem para treino e aperfeiçoamento dos seus conhecimentos, o qual passará agora a ser rigorosamente reservado aos escoteiros, já que se tornarão impossíveis as intromissões de estranhos frequentemente verificadas, dada a falta de uma vedação conveniente.

Muito está ainda por fazer, mas verdade se diga que não esperávamos ver tanto em tão poucos anos. Todavia, não podemos estar à espera que tudo se execute através da mão-de-obra contratada, esforçadamente mantida pelos cofres associativos, ainda que socorridos por vultosos mas insuficientes donativos.

Cabe aos mais velhos, dirigentes, caminheiros e antigos escoteiros tarefa preponderante no trabalho que está ainda por realizar e a colaboração daqueles pode manifestar-se nas mais diversas facetas. É indispensável que surjam adesões, elementos de trabalho que sejam integrados num plano de acção que não se deve fazer esperar.

Para já impõe-se uma limpeza conveniente de toda a zona mais densamente arborizada onde, por força das circunstâncias e da falta de braços, não foi ainda possível remover elevado número de árvores abatidas ou caídas por acção das invernias. Há que afastar do Parque de Escotismo o perigo de um incêndio que, a par de um irreparável prejuízo, nos colocaria a todos numa situação moral de culpa que jamais perdoaríamos a nós próprios. Para isso são necessários fundos ou braços que permitam executar o trabalho.

A dedicada acção de Eduardo Xavier, Domingos de Sousa e Luís António dos Santos, aplicada mas reduzida equipa que através dos anos se tem esforçado por conservar e melhorar o «parque», devem juntar-se muitas outras boas vontades que, sem alardes, desejem servir a causa do Escotismo e facilitar a acção dos escoteiros.

Por outro lado, também os escoteiros e seus chefes poderão contribuir eficazmente para a valorização do Parque de Escotismo, quer executando pequenas tarefas que lhe estejam apropriadas, quer respeitando o regulamento de utilização do campo há muito em vigor e que parece ter já esquecido a alguns. Torna-se indispensável que todos o cumpram, principalmente no que respeita à conservação e limpeza de todo o recinto e suas instalações e no que se refere à sua utilização como campo de treino e de trabalho e não como parque de férias.

A este propósito deve ser chamada a atenção dos chefes dos grupos para que procurem treinar os seus escoteiros para a tarefa útil que o Escotismo lhes solicita, incutindo-lhes regras de respeito e cortesia que nem sempre se observam em alguns dos jovens que ali acampam. O campo possui dirigentes que pela sua dedicação e louvável esforço se impõem ao respeito de todos. O escotismo possui normas que os rapazes não devem ignorar.

Há, pois, que procurar integrar, através de um plano de actuação geral, a boa vontade e dedicação dos adultos com a aplicação e respeito dos rapazes, para assim tornarmos verdadeiramente válido um esforço colectivo sem qualquer outra finalidade que não seja uma juventude melhor e mais feliz.

De outro modo, não seria necessário que os escoteiros tivessem um parque privativo.

Mais Assinantes!

Duas novas assinaturas deram entrada este mês. Foram dos Escoteiros do Grupo 8, a quem damos as boas-vindas: os Srs. António Camilo Rodrigues e Manuel Paz Salvador Soeiro.

Precisamos de mais assinaturas. Quem nos ajuda?

OS «SCOUTS DE ESPAÑA» são uma Associação Aberta

A propósito da notícia que aqui publicámos no número passado acerca do nosso encontro em Valência com o antigo chefe escoteiro Sr. Emílio Beut Belenguer, recebemos uma carta do nosso amigo e antigo colaborador Sr. Enrique Genovés, chefe escoteiro nacional da associação «Scouts de España», em que nos é afirmado que «os **Scouts de España** são uma Associação Aberta, em que existem rapazes católicos e não católicos, ainda que estes últimos sejam em escasso número dada a grande maioria católica do país».

Sabemos que esta maneira de fazer Escotismo se coaduna perfeitamente com os ideais de Enrique Genovés e aceitamos a declaração daquele nosso estimado amigo, que gostosamente aqui publicamos para esclarecimento dos nossos leitores.

Por nossa parte, não estamos bem esclarecidos acerca da estruturação dos «Scouts de España», associação que não tem ainda reconhecimento mundial, mas que está trabalhando com muito entusiasmo. No entanto, reconhecemos que não basta que uma associação escoteira se afirme «aberta». Para que realmente o seja é necessário que ofereça condições para que as minorias de outros credos possam dela fazer parte de pleno direito e sem constrangimento.

E. R.



COMO OBTER A PAZ

Dou graças a Deus pelo facto de o que pobre mas sinceramente me foi dado escrever para «Sempre Pronto» sob o título *«Bem hajam os que sabem falar ao coração»*, ter contribuído para que a pessoa que mas inspirou produzisse *«Como obter a paz»*, e que me dedica no número de Agosto.

Não mereço distinções de quem, como Eduardo Moreira, me superioriza em todos os sentidos, mas sinto-me feliz pelo que considero desabafo de alma de alguém que Deus fadou para espalhar palavras de paz e amor tendentes à união fraternal que se impõe para rumo seguro na senda da vida.

Não tenho a preparação necessária para alcançar o significado de determinadas palavras acessíveis à cultura de Eduardo Moreira, mas comungo, felizmente, nas suas atitudes para encontrarmos a paz com vida, alegria e beleza.

Os seus pensamentos verdadeiramente elevados merecem reflexão, porque exemplificados como estão podem contribuir para que sejam arreadas as bandeiras da vaidade ou ganância, ressentimento ou ambição.

Extintos estes males, todos vibraremos em uníssono pelo bem comum, e a paz será possível pela tranquilidade de consciência, pelo dever cumprido.

Joaquim de Sousa Piscarreta

A LIÇÃO DA HUMILDADE

Testut, o célebre mestre de Anatomia, começou por ser humilde barbeiro. Conseguiu assim pagar os cursos médio e superior e atingir o vértice da carreira.

Conta-se que, durante uma aula prática, quando advertia um estudante (que se dava ares de aristocrata *snob* e cheio de pretensões) porque dissecava um cadáver sem antes lhe ter rapado os pêlos, ele lhe respondeu que nunca havia trabalhado como barbeiro.

O mestre, nada ressentido pela alusão à sua origem, retrucou-lhe:

— Compreendo, compreendo: se você já houvesse trabalhado como barbeiro ainda hoje o faria.

(Do *«Jornal dos Pescadores»*)

O Professor Marcelo Caetano e o Escotismo

Continuação da pág. 1

prelúdio da acção futura como estimado condutor de jovens, da Universidade, e da Nação, ao jovem — íamos escrevendo — não foi possível actuar muito mais tempo no Grupo de origem e nas actividades colectivas (2), a A. E. P. adquiria a certeza do Escotismo ter nele atingido a sua finalidade: contribuir para formar indivíduos capazes de viverem e fazerem viver os princípios do Compromisso de Honra.

Eis quanto, acima de tudo, interessa: formar quem saiba instilar na Sociedade normas morais e processos susceptíveis de congregar os esforços requeridos pelo bem comum, no mais alto grau o bem da Pátria, património de todos (3). Isto mesmo preconiza em 1925 o já então escotista Marcelo Caetano (4):

«A política de amanhã deve ter a elevação que só lhe pode emprestar o desejo alevantado de Servir a Pátria, de contribuir para o bem comum. Se não há regime que valha sem homens — que são as pedras componentes do edifício das instituições — o Escotismo prepara um bom regime porque cria homens».

Ao estilo lapidar desta conclusão nada mais haverá a juntar senão que a Pátria está a ser Servida por um homem que decerto a saberá conduzir tal como um bom guia a sua patrulha.

S. L.

---

(1) Estamos pensando no «livro da patrulha» Viriato, do Grupo n.º 11 (Liceu de Camões), a primeira sénior do Escotismo Português, segundo cremos, e em que, se a memória nos não atraiçoa, Marcelo Caetano colaborou.

(2) Foi em 1923, durante algum tempo, Comissário de Organização e Propaganda, devendo-se-lhe a redacção do folheto de propaganda *«O que o Escotismo não é»* destinado a desfazer ideias erradas sobre o Movimento e marcar a sua finalidade eminentemente educativa.

(3) Tal como, ressalvadas as proporções, na patrulha, por via de orientação do guia e o concurso dos seus membros. É do método escotista fazer educação moral, *a propósito* e não *de propósito*. E como não há, no Escotismo, disciplinas alheadas da acção moral, parece-nos oportuno sugerir que a propósito do aparecimento do número do «Sempre Pronto» referindo o evento que provoca este escrito, os guias leiam, comentem e façam debater pelos respectivos escoteiros o que acerca de «Patrulha» se lê no «Para ser Escoteiro», ilustrando com engenho e conforme a receptividade dos participantes, essa conversa de sede ou à roda da fogueira, de maneira a torná-la aprazível e, portanto, proveitosa. O revigoramento de um recto sentido de associação, que mais não é o «espírito de patrulha», é trabalho cívico da maior projecção porque concretiza a união para melhor *Servir*.

(4) «Influência social do Escotismo», tese apresentada na I Conferência Nacional de Escotismo.

A PROPÓSITO DA REFORMA

Continuação da pág. 1

e morte, seja ele em Arte, em Literatura, na Política.

Mas o que exijo é que toda a modificação se processe por imperativos da razão e não por impulsos emocionais. Sabe-se como a gente nova — et pour cause!... — *é estruturalmente avessa ao* statu quo. *E do impacto dos movimentos juvenis no passado, remoto ou próximo, resultou sempre um avanço, um progresso, sem que este ficasse com aderências dos exageros presas a si, como é óbvio.*

É que o ângulo de visão dos jovens é mais vasto do que o dos adultos e dos já entrados no limiar da velhice, em que normalmente o homem começa a aferrar-se a ideias e sentimentos que não os perturbem, mostrando-se, por isso, adversos a todos quantos possam «fazer ondas».

Mas, meus caros Camaradas, nisto como em tudo o mais siga-se (ou devia seguir-se) o velho preceito horaciano: est modus in rebus, *o que, traduzido pela nossa gente simples, significará: «nem tanto ao mar, nem tanto à terra».*

O Escotismo inglês, oficialmente existente há 60 anos, desde 1908, foi criado com um fim: «estudar as ideias do rapaz, animando este a educar-se em vez de ser instruído», como B.-P. escreveu no prefácio do seu livro célebre. E noutro prefácio, o do Aids to Scoutmastership, *ele declara, de entrada, que o «Escotismo não é uma ciência abstrusa ou difícil» por ser «antes um jogo alegre se o considerarem à sua verdadeira luz», sendo «ao mesmo tempo educativo e, tal como a esmola, beneficia tanto quem a dá como quem a recebe».*

Estas palavras, escritas pelo Fundador do Movimento, são perfeitamente claras e, mais do que isso, significativas.

Parece-me, portanto, que antes de se pensar em introduzir quaisquer modificações na estrutura do Escotismo, se tornava necessário ver até que ponto tais modificações poderiam alcançar para não se dar o caso de irem de encontro ao espírito *do Movimento, que de modo nenhum* deve ser atraiçoado.

Ora o espírito do Escotismo visa, essencialmente, o RAPAZ. Assim sendo, como se compreende que, conscientemente, *se escreva e, mais ainda, se divulgue que «a palavra* rapaz *mostra uma imagem juvenil que não representa o verdadeiro objecto da nossa associação», como se lê na Recomendação n.º 1 da Comissão nomeada em 1963 para traçar as bases da reforma do Escotismo inglês?*

Se vejo bem o problema e compreendi bem o espírito das palavras, da obra e dos actos de B.-P., meus caros Camaradas, a Comissão demonstrou logo no limiar das suas recomendações uma ausência completa de autoridade para levar a cabo o encargo que lhe foi cometido, por ignorar as próprias palavras do Fundador!

Em todas as circunstâncias insistiu o grande Fundador em que o Movimento se dirigia aos RAPAZES, chegando ao ponto de, no capítulo introdutório do Aids to Scoutmastership *escrever que o Escoteiro-Chefe «tem de ser simplesmente um rapaz-homem* (a boy-man), *isto é: 1 — Deve ter em si o espírito do rapaz, e ser capaz de se situar no plano próprio com os seus discípulos, como primeira etapa. 2 — Deve compreender a psicologia das diferentes idades da vida do rapaz. 3 — Deve tratar antes com o discípulo individual do que com as massas. 4 — Depois necessita de criar um espírito de corporação entre os seus indivíduos para alcançar os melhores resultados».*

E acrescenta logo a seguir: «Estes são os principais princípios sobre que se baseia o treino dos Escoteiros e das Guias».

Não me parece, meus caros Camaradas, que estas palavras sejam ambíguas ou sibilinas. B.-P., como admirável pedagogo que era, escrevia com clareza cristalina. Nas palavras transcritas encontra-se todo um programa que, afinal, ao que depreendo, está a ser desvirtuado depois de o ter sido em toda a parte pela incompetência dos Chefes sem preparação, ou pela ambição dos que pretendiam distorcer o Movimento com fins inconfessáveis.

Que o Movimento decaiu, a partir sobretudo da II Grande Guerra? É inegável, e entre nós é uma triste realidade.

Mas que contribuiu para esta decadência? Acima de tudo ponho as causas apontadas algumas linhas acima, porque se aos Chefes faltar confiança nos princípios e confiança em si próprios, todo o Movimento, por altruísta que seja, está condenado a morrer.

Até que ponto, Amigos meus, poderemos responsabilizar os maus Chefes de Escoteiros pelos horrores das guerras que têm ensanguentado o Mundo nos últimos 40 anos? Acaso rapazes educados dentro do Escotismo e fiéis à Lei, se prestariam a colaborar com meneurs *ambiciosos que sonhavam lançar o fogo ao Mundo para lhes iluminar a glória? Como foi possível a colabora-*

DO ESCOTISMO INGLÊS

ção consciente de antigos Escoteiros com movimentos juvenis, que, visando à militarização dos jovens, macaqueavam exteriormente o Escotismo por se mostrarem incapazes de lhe assimilar o espírito?

Depois disto não me admiro que se preconize a abolição do calção, considerado «um dos aspectos que mais prejudicam a imagem que oferecemos ao público», se diga que o nosso bonito e prático uniforme foi inspirado «na guerra dos Bures» (!!) e se considere os calções «inadequados para o nosso clima», exactamente na altura em que homens feitos voltam ao calção para viajarem e fazerem turismo com comodidade, por o considerarem muito mais prático do que a velha calça.

Afinal é ao fim de 60 anos que os Escoteiros ingleses começaram a notar que sentiam frio nas pernas devido ao uso dos calções... Confessemos aqui entre nós, meus bons Amigos, que fraco índice de robustez revelam esses escoteiros (?) que se acobertam sob um pretexto risível para mascararem o seu pudor de usar calção.

Se o adulto se envergonha do uniforme de Escoteiro, o que tem a fazer é ir-se embora e não prejudicar a obra educativa do Movimento com observações que demonstram não estar nele integrado.

Introduzam no Escotismo as modificações reputadas absolutamente necessárias, mas não o façam eivados daquele esprit pompier *de que há bons 40 anos se chasqueava com frequência nas revistas dos* Éclaireurs de France.

Volte-se ao princípio, à fonte, à obra de B.-P. Estude-se esta em extensão e profundidade, e, no final, consulte cada um a sua consciência e pergunte-lhe que haverá então a fazer. Parta-se do Movimento para as reformas e não de ideias preconcebidas assentes em princípios que estão exactamente no pólo oposto dos que constituem a base do Escotismo.

O que é necessário, absolutamente necessário, aflitivamente necessário, meus caros Camaradas, é deixar-se cada um penetrar do espírito do Escotismo, pois de outro modo andaremos todos a fingir de Escoteiros e a comprometer a obra grandiosa de B.-P.

Se em todo o Mundo os Chefes começarem por deixar-se penetrar desse espírito e, mais ainda, o souberem transmitir aos seus RAPAZES, não tenho o mínimo receio de errar afirmando que dentro de duas, três gerações, a guerra estará moribunda, definitivamente posta fora da lei, sem ser preciso convocar mais conferências palavrosas em que sempre se embatem egoísmos ferozes.

Era isto o que vos queria dizer, bons Amigos, e tanto demorou com prejuízo vosso e dos leitores.

Abraça-vos o camarada e amigo dedicado,

A. ÁLVARO DÓRIA
E. C. D.

DE ANGOLA

Um «Acampamento Modelo» promovido pelo Grupo n.º 39, de Benguela

Em 14 e 15 de Setembro último, o Grupo n.º 39, de Benguela, realizou, junto à sua sede, um «Acampamento Modelo», que despertou enorme entusiasmo naquela cidade.

O acampamento apresentava um excelente aspecto, despertando o maior entusiasmo da parte das pessoas que o visitaram, destacando-se, entre elas, o Sr. Governador do Distrito.

Os visitantes mostraram grande interesse pelo «Largo Governador Santos Prado» e pelas tendas «Patrulha dos Elefantes», «Jaguares», «Cantinho das Gaivotas» (das guias), «Pousada da Sexta Felicidade» (dos lobitos) e as dos chefes, devido às curiosas ornamentações que apresentavam e à forma como estavam arranjadas.

No domingo, à noite, efectuou-se o grande Fogo de Conselho, que contou com a presença dos escutas do Agrupamento n.º 248 do C. N. E., que estava acompanhado do seu chefe Sr. Júlio Ferraz e assistente espiritual Sr. Rev. Teixeira Neves.

Durante o «Fogo de Conselho» fizeram a sua Promessa diversos lobitos e um guia e escoteiros do «39» prestaram o compromisso de honra, após o que receberam as respectivas insignias.

Realizaram-se depois diversos jogos, em que interveio, além dos escoteiros do grupo organizador, uma patrulha do Agrupamento n.º 248.

O Fogo terminou após uns momentos de recolhimento, com orações. Os escoteiros passaram essa noite no campo e de manhã, tendo soado a alvorada, foi tomado o pequeno almoço e desmontado o acampamento.

Esta actividade serviu para despedida de alguns escoteiros que vão sair de Benguela para seguirem estudos superiores.



J. F. Colquhoun
1890-1968

Faleceu em Agosto este devotado servidor do Escotismo. Pode bem ser afirmado que o Movimento sofreu uma irreparável perda, como também pode ser dito que a contribuição de J. F. Colquhoun ao Escotismo durante mais de 50 anos foi verdadeiramente além do que os mais activos dirigentes poderão ter esperança de realizar.

Desempenhou vários cargos na Associação da Grã-Bretanha, devendo-se-lhe um exaustivo estudo sobre o problema dos Caminheiros, foi o primeiro Secretário Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros da Grã-Bretanha e membro do **Comité** Mundial de Escotismo.

Era possuidor de várias condecorações escotistas, incluindo a que é atribuída pela Conferência Mundial de Escotismo — o Lobo de Bronze — e, como prémio do seu inexcedível interesse pela educação da juventude, a Rainha Isabel conferiu-lhe em 1966 a Comenda da Ordem do Império Britânico.

O Professor Marcelo Caetano foi nomeado Presidente do Conselho

Continuado da pág. 1

Não foi, todavia, em vão essa passagem pelo Escotismo, pois é digna de apreço a acção que aqui desenvolveu, a qual se avalia não só pelo diploma da Escola Central de Chefes que alcançou, como também pelo desempenho do lugar de Secretário-Geral da AEP e pelos livros acerca do método escotista que escreveu.

Aliás, o Prof. Marcelo Caetano sempre reconheceu como proveitoso o contacto com o Escotismo. A atestá-lo há a célebre afirmação do eminente estadista, quando, em 1940, os dirigentes de Lisboa dos Escoteiros de Portugal lhe apresentaram cumprimentos por motivo da sua nomeação para Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa. Disse então o Prof. Marcelo Caetano: **«Não fui Escoteiro-Chefe. Eu sou Escoteiro-Chefe».**

Estas palavras definem lapidarmente uma atitude e traduzem uma certeza: a de que há um Escoteiro na Chefia do Governo Português.

É este acontecimento que temos de considerar como notável e de assinalar com estas modestas considerações.

SEMPRE PRONTO

Número 282

Outubro de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Educando sem mistérios

Pelo Dr. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Médico e Orientador Educacional do Escotismo Brasileiro

É claro que com vinagre ou com fel não se apanham moscas. A grande vantagem do Escotismo é que não tem, para o menino, nenhuma aparência de educação. «Para pescar, colocamos no anzol a isca de que o peixe gosta e não aquela de que nós gostamos», diz Baden-Powell, o fundador deste que é o maior movimento juvenil de todo o mundo.

É aventura, camaradagem e alegria o que o jovem quer? No Escotismo, ele terá tudo isso e sem a presença incómoda dos adultos... Porque o Escotismo é um movimento de rapazes quase totalmente dirigido pelos próprios rapazes. Lá, ele terá legalizada a liberdade de sair do círculo da família para se encontrar com um grupo de amigos e com eles viver experiências emocionantes.

Talvez, numa manhã de domingo, você já tenha visto um grupo alegre de meninos, uniformizados de azul e com um boné de jóquei na cabeça, indo para um passeio ou em visita a um museu. São os lobinhos, crianças de sete a onze anos, membros de uma Alcateia — como é chamada a secção que os reúne no Grupo Escoteiro. Os jogos e o riso aberto são os grandes educadores nesta idade. Ouvir histórias, actuar em dramatizações, cantar, fazer trabalhos manuais, juntamente com os jogos especiais que treinam os sentidos, a observação, a disciplina e a cooperação — este é o programa de actividades dos lobinhos.

E aqueles rapazes compenetrados que chamaram a sua atenção quando dirigiam os serviços de trânsito — numa época em que a cidade ficou sem guardas — ou colaboravam em campanhas de interesse público? Certamente, você os identificou: eram escoteiros. Jovens de onze a quinze anos — em plena fase da «turma». Nessa idade o rapaz faz parte, geralmente, do pequeno grupo de amigos que se reúnem, traçam planos e realizam «coisas». Essa necessidade social de se agregar e formar o «nosso grupo», pode conduzir os rapazes, mesmo de bons lares, às agressões e a todas as formas de delinquência.

As Patrulhas escoteiras são a marca original do Escotismo, talvez a mais forte razão do sucesso deste movimento. A «turma», que é uma patrulha, elege entre seus membros o seu Monitor, organiza suas actividades, faz seu acampamento de toda a tropa e entra em competição com as outras patrulhas. Aqui, realmente, o Escotismo torna-se uma actividade de rapazes dirigida pelos próprios rapazes. Os monitores das patrulhas dirigem a tropa, tendo o Chefe apenas como conselheiro. Eles integram a Corte de Honra, reunião secreta em que o Chefe tem o poder de veto mas nunca deverá usá-lo. A Corte de Honra é responsável pela programação de actividades, conhecimentos técnicos, finanças, boa apresentação e boa organização. Quando há quebra da Lei Escoteira, a Corte de Honra reúne-se como poder judiciário. Nessas ocasiões, qualquer veredicto deve figurar como decisão global da Corte e seus membros fazem ponto de honra em não discutir depois o voto ou a opinião emitidos durante a reunião. Cada patrulha, sob a presidência do monitor, também, constitui um conselho que resolve sobre a vida da patrulha, admissão de novos membros, administração, adestramento e disciplina. Cada um dos rapazes tem um cargo permanente: almoxarife, escriba, tesoureiro, mordomo, bibliotecário, recreacionista, além do monitor e do submonitor. O espírito de patrulha fará com que os rapazes se empenhem em escolher e se adestrar em especialidades técnicas, humanitárias, artesanais e artísticas que lhes dão bonitos distintivos e um acervo enorme de conhecimentos. As excursões, visitas, acampamentos, a vida mateira junto à natureza são outras tantas oportunidades que o Escotismo possui para dar têmpera ao carácter dos homens. Na tropa, os maiores educadores são os jogos competitivos, o sorriso e a boa acção. «O sorriso e a boa acção são nossa especialidade», diz Baden-Powell, «a ausência do sorriso e da boa acção no cidadão médio são a origem dos nossos problemas sociais de hoje».

Esse sistema de patrulhas é a mais perfeita escola de liderança e de trabalho colectivo que alguém poderia imaginar para um adolescente. Lá, ele aprende a ouvir e a apresentar suas razões, a formar a sua opinião, a julgar, a planejar e executar. Essa preparação para a cidadania activa e participante em situação séria e real é a melhor escola que se conhece até hoje para a vida democrática, a administração de empresas e a direcção de negócios públicos.

Convivência e união, amizade e fraternidade, boa acção, serviço ao próximo e à comunidade: que é tudo isto senão a aplicação prática do pensamento social de nossos dias? Que é tudo isto senão o caminho de auto-realização? Na verdade, quando incentiva a alegria em face das dificuldades, quando lembra que os pensamentos devem ser conduzidos pelo amor, quando afirma que só seremos felizes tornando os outros felizes, quando proclama que o escoteiro deve ser activamente bom, o Escotismo está preparando o Homem novo, comunitário, **Sempre Alerta** para a prática de uma boa acção.

(Da *«Revista Scout de las Américas»*)

Os Escoteiros de Moçambique

tomaram parte num grande Acampamento Internacional que se realizou em Bulavaio, na Rodésia

Os escoteiros e as guias de Lourenço Marques, Beira, Tete e Nampula participaram no «Jamborally» promovido pelos escoteiros rodesianos, em comemoração do 60.º aniversário da fundação do escotismo e 75.º aniversário da fundação da cidade de Bulavaio.

O «Jamborally» foi o nome dado pelos escoteiros rodesianos a um acampamento internacional em que estiveram presentes, além dos nossos camaradas moçambicanos, escoteiros da África do Sul, do Malavi e de Botsowana, que se realizou de 26 de Agosto a 1 de Setembro p. p.

O contingente português foi chefiado pelo Sr. Rev. Luís Paulo.

Os escoteiros de Lourenço Marques — cerca de uma centena — deslocaram-se de comboio para Bulavaio, depois de apresentarem cumprimentos de despedida aos srs. Presidente da Câmara Municipal de Lourenço Marques e Secretário Provincial de Educação, desfilando em seguida pelas avenidas da capital laurentina até à catedral, onde se realizou um serviço religioso.

Os escoteiros dos contingentes das outras cidades da província, num total de 50 rapazes e raparigas, fizeram a viagem num autocarro. A digressão foi cuidadosamente preparada, tendo havido ensaios para as danças e canções portuguesas que foram apresentadas no acampamento, para o que os rapazes e raparigas envergaram trajos regionais. Foi ainda projectado um filme colorido, com vistas dos pontos turísticos de mais interesse que seriam visitados, entre os quais se destacam a cidade de Salisbúria, as cataratas de Vitória, a reserva de caça de Wankie, Grande Zimbaue e o túmulo de Cecil Rhodes.

O acampamento, que funcionou dentro do sistema de patrulhas, decorreu no meio de grande animação, com um programa bem elaborado, recheado de jogos e exercícios escotistas e visitas a Bulavaio e a outros locais de interesse turístico ou histórico. O encerramento foi feito com um grande fogo de conselho, em que tomaram parte todos os escoteiros presentes.

A confraternização entre os escoteiros foi óptima, pelo que todos se retiraram satisfeitos com os belos dias passados num ambiente verdadeiramente escotista.